

A IGREJA DO “DIABO” E A PRODUÇÃO DO CONHECIMENTO NA EDUCAÇÃO FÍSICA

Arthur de Vargas Feron
Licenciado em Educação Física – UFPR
Marcelo Moraes e Silva
Programa de Pós Graduação em Educação– UFPR

RESUMO

O presente ensaio procura analisar a produção do conhecimento na Educação Física sob a ótica do conceito foucaultiano de regime de produção de verdade, que também foi contextualizado no conto de Machado de Assis denominado “A Igreja do Diabo”. Para alcançar tal intento efetuamos uma análise da discussão acadêmica da área a partir da década de 1970, que culminou com a criação do CELAFISC e do CBCE. Nesse sentido, concluímos que a produção do conhecimento da área deve “continuamente” (des)construir as verdades, os saberes e os poderes existentes, para poder constituir uma estratégia subversiva e fértil para o pensamento em Educação Física.

ABSTRACT

The present essay aims to analyze the knowledge production in Physical Education under the Foucaultian concept of production of truth, which was also contextualized in the short story by Machado de Assis entitled “The Devil’s Church”. In order to achieve such intent we analyzed the academic discussion in this area from the 1970’s on, which resulted in the creation of CELAFISC and CBCE. In this sense, we conclude that the academic production in this area should “continuously” (de)construct the prevailing truth, knowledge and power to constitute, perhaps, a subversive and fruitful strategy for thought in Physical Education.

RESUMEN

Este ensayo busca analizar la producción del conocimiento en Educación Física, bajo la óptica del concepto foucaultiano del régimen de producción de la verdad, que también fue contextualizado en el cuento “La Iglesia del Diablo” de Machado de Assis. Para alcanzar tal intento, se efectuó un análisis de la discusión académica de esta área a partir de la década del 70, que terminó con la creación del CELAFISC y del CBCE. En ese sentido, hemos concluido que la producción académica de esta área debe “continuamente” (des)construir las verdades, los saberes y los poderes existentes, para que se pueda constituir una estrategia subversiva y fértil para el pensamiento en Educación Física.

ABORDANDO A TEMÁTICA

Pode parecer ousadia demais, ainda que não fosse “verdade”, dirigir as palavras seguintes para efetuar uma análise de parte da discussão científica da Educação Física no Brasil, visto que tais esforços possuem um excesso de curvas e enfeites, típicos de um linguajar à adequar-se as premissas de uma comunidade científica. Tais premissas são produto de discursos que, como aponta Foucault (2004), representam não somente um

simples instrumento lingüístico mas, principalmente, uma máquina de interdição e proibição que legitima a fala de alguns em detrimento de outros.

De início adotar-se-á o corpo como primeiro objeto de reflexão. Isso com o objetivo de realizar um esclarecimento a respeito dos “olhares” que cercaram, e ainda cercam, os rumos da construção da discussão acadêmica da área da Educação Física. Será abordada a idéia de corpo de um modo sucinto, almejando uma contextualização do trabalho.

Ao corpo é possível aludir valores como corpo-objeto, corpo-mercadoria, corpo-pecado, corpo-prótese, entre outras. Essas denominações nascem conforme a melhor adequação aos valores vigentes de cada época, sem perder, no entanto, ligação com os modelos anteriores. (NÓBREGA, 2001).

Àqueles que têm o corpo enquanto objeto de estudo, trabalho, doutrinação ou educação também têm o costume de ignorar sua presença mais do que física. A este evento, podemos apontar o processo histórico como protagonista do entendimento e trato com o corpo atual, seja por pessoas físicas ou por instituições que se apropriaram deste como objeto de estudo e delegaram e delegam “verdades” a seu respeito.

Neste cenário a Educação Física possui um importante papel. Embora não seja o objetivo deste trabalho discutir a respeito da sua especificidade de estudo. Seria no mínimo imprudente não apoiar a discussão sobre a construção do discurso das ciências naturais e a sua extensão sobre a produção do conhecimento em Educação Física, que, queira ou não, ajudaram e ajudam a produzir “determinadas” formas de se viver e sentir o corpo na contemporaneidade.

A CONSTRUÇÃO DO CAMPO CIENTÍFICO: OS CAMINHOS TRAÇADOS E SUA REPERCUSSÃO

Daólio (1997), aponta o final da década de 70 como sendo o período de início da proliferação significativa de trabalhos acadêmicos na Educação Física. Há neste fato duas considerações a serem feitas. A primeira diz respeito ao final do período militar. A segunda, à quantidade de profissionais do campo da saúde que se especializavam fora do Brasil e contribuía quando retornavam, com conhecimentos adquiridos nas áreas biológicas, como, por exemplo, em fisiologia, em aprendizagem motora ou em biomecânica.

Antes deste período havia uma certa aceitação de que a Educação Física era uma prática escolar com objetivos de desenvolver a aptidão física dos alunos e de iniciá-los na prática esportiva. O respaldo teórico provinha exclusivamente das ciências biológicas. (DAOLIO, 1997, p.182).

Com o início da redemocratização no país, críticas aos modelos de educação de todas as instâncias começaram a ser feitas. Na Educação Física não foi diferente. Bracht (2003), aponta como ponto de interdição da reconstrução dos modelos de educação o contato com o debate pedagógico brasileiro das décadas de 70 e 80, e não com as ciências do esporte. Tal diagnóstico veio colaborar com a produção de estudos com base no viés pedagógico e amparado nas ciências humanas, pois o processo de formação de professores em Educação Física passou também a procurar respaldo acadêmico em outras áreas de conhecimento que não apenas aquelas voltadas aos preceitos biológicos. A partir de então “novos horizontes” foram vislumbrados. Como consequência houve o surgimento de várias formas de pensar a mesma, culminando, com um intenso debate entre os representantes de cada uma das matrizes, nos anos 1980.

Pelo o que foi exposto acima é que certas atitudes devem ser tomadas para que possamos compreender as atuais características da produção do conhecimento em Educação Física. Devemos pensar os representantes de cada uma das “subáreas”, recordar os preceitos históricos que nortearam o “nosso rumo” e fazer análises das produções da área ou ainda rememorar o conhecimento do conhecimento produzido. Neste sentido, muitos são os autores e atores que em algum momento se interessaram por estudar os rumos da Educação Física brasileira. Assim, Bracht (2003), chama a atenção para as produções das “subáreas” da Educação Física até fins dos anos 70 e os novos horizontes que emergiam no campo com a busca por outras áreas do conhecimento:

Esses estudos constataram então que havia um predomínio das “subáreas” da medicina esportiva, da fisiologia e da cineantropometria, enfim, uma forte influência das ciências naturais, mas que, principalmente a partir de 1980, podia-se verificar um crescimento das “subáreas” pedagógicas e sociocultural, essas sob a influência das ciências sociais e humanas. A discussão propriamente epistemológica estava na verdade ausente, mas o crescimento da influência das ciências sociais e humanas vai fazer aflorar esse debate necessário. (BRACHT, 2003, p.62).

Caparróz, ao discorrer sobre o assunto, também menciona a questão da ordem política vivida pelo país, mas chama a atenção para outro fato marcante que notoriamente contribuiu com o movimento de crítica que surgiu em meados da década de 80.

Um deles foi o momento histórico-sóciopolítico da sociedade brasileira a partir de final dos anos 70, com o processo de redemocratização. O outro fator foi à necessidade da própria área de se qualificar academicamente a fim de suprir as necessidades colocadas pelo mercado de trabalho nas instituições de ensino superior. (CAPARROZ, *apud* DAÓLIO, p.45, 1998).

A respeito desta condição de “necessidade” de qualificação da Educação Física enquanto área de produção científica é possível justificar tal afirmativa ao referendarmos uma preposição do texto de Taborda de Oliveira (2005, p.35):

Como pode alguém advogar que a sua área de atuação profissional merece ser valorizada se não tiver um discurso que demonstre, ou até prove, que ela é fundamental para a organização social?

A pertinência da questão levantada pelo autor é indiscutível. Mas quem ou o que seria capaz de atribuir tal valor ao discurso dominante na área? Ainda que a discussão detenha-se sobre “pressupostos científicos” ou de “ordem social”, que possua caráter positivista ou pensamentos imbricados nas relações “estado-sociedade” ou discuta o caráter das “reais” necessidades de se atribuir significados acerca da conceituação do movimento humano, ainda assim, a discussão parece ater-se não apenas à construção “saudável” do conhecimento, mas sim a uma disputa de afirmação e competição por uma maior veracidade de seu próprio discurso. Ou seja, como aponta Foucault (1986), produzir um determinado tipo de saber para conseguir obter uma melhor colocação nas dinâmicas das relações de poder.

Tais discussões e embates travados no cenário acadêmico parecem apenas reforçar a lógica de conflitos de interesses. Por sua vez, nesta disputa, cada um na medida em que desqualifica o discurso do outro em detrimento de sua própria promoção, fortalece o

conflito, perpetuando um impasse no qual nunca se pode forjar definitivamente sua condição de estatuto legítimo, por necessitar continuamente do amparo do outro.

Para a construção do seu campo científico, a Educação Física viu-se pressionada no início da década de 1980 a atribuir a seus pensamentos e produções mais do que reflexões sociológicas, antropológicas, filosóficas e pedagógicas em seu teorizar. A partir deste contexto histórico e tendo em vista as políticas nacionais de incentivo ao esporte, surge uma enorme necessidade de consolidação científica da área. Quiçá, neste momento, a Educação Física tenha realmente ganho um espaço cientificista para seu “teorizar”. Houve então um movimento de necessidade de afirmação de uma “economia política da verdade”, própria para a área. Nasce, pois, deste regime imperativo, os primeiros conflitos e construções de embates discursivos sobre a produção do conhecimento na Educação Física no Brasil.

O EMBATE DOS DISCURSOS: NASCIMENTO E CONFLITOS NA PRODUÇÃO DO CONHECIMENTO NA EDUCAÇÃO FÍSICA

Conta um velho manuscrito beneditino que o Diabo, em certo dia, teve a idéia de **fundar uma igreja**. Embora os seus lucros fossem contínuos e grandes, sentia-se humilhado com o papel avulso que exercia [...], sem organização, sem regras, sem cânones, sem ritual, sem nada. Vivía, por assim dizer, dos remanescentes divinos, dos descuidos e obséquios humanos. Nada fixo, nada regular. Por que não teria ele a sua igreja? Uma igreja do Diabo era o meio eficaz de combater as outras religiões, e destruí-las de uma vez. (MACHADO DE ASSIS, “A Igreja do Diabo” s.d. grifo nosso).¹

Fundar uma Igreja. Uma idéia considerada extraordinária por alguns e, motivo de descontentamento para outros. Para os “não pagãos”, já devidamente seguidores de uma doutrina consagrada, diante do nascimento de uma nova Igreja há, além da preocupação, a necessidade de (re)afirmar a própria crença, na ânsia por não desviar-se por outra doutrina ou seguir outro rumo. No campo da produção do conhecimento na Educação Física não poderia ter sido diferente. Na eminência de uma nova “verdade” proferida por esta Igreja que dava sinais de gestação, arriscando abalar a solidez do discurso vigente que estava sob a superintendência das ciências naturais, coube à “velha” doutrina fortalecer-se na “fé” do seu discurso, e seguir pregando sua homilia.

- Vá, pois, uma igreja, concluiu ele. **Escritura contra Escritura, breviário contra breviário. Terei a minha missa**, com vinho e pão à farta, **as minhas prédicas, bulas, novenas e todo o demais aparelho eclesiástico** [...] E depois, enquanto as outras religiões se combatem e se dividem, a minha igreja será única [...] Há muitos modos de afirmar; há só um de negar tudo. (MACHADO DE ASSIS, s.d., grifos nossos).

Para os “pagãos” uma “Igreja” seria uma forma legitimada de ratificar seu próprio discurso. Por tudo isso, dado o período da gestação, chega o momento do “nascimento”. Com ele, “surgem” outras posturas desafiadoras. Inspiradas sobre os discursos das ciências

¹ A citação supramencionada reflete a intenção de apontar alguns conflitos presentes no campo da Educação Física e que certamente marcam o rumo da sua produção do conhecimento. Também é preciso destacar que as devidas metáforas empregadas no texto não possuem a intenção de atribuir juízo acerca dos apontamentos feitos. Esta preocupação é por si só justificável, já que, em se tratando dos assuntos de interesse do *Diabo* ou de *Deus*, corremos o risco de travar aqui uma grande batalha já conhecida desde tempos e que, como sabemos, nunca apresentou um único “vencedor”.

humanas essas atitudes provocaram incomodo naqueles que se sentiam como que membros fiéis de sua Igreja e seguidores de uma única doutrina, “advogados da verdade”, quanto aos rumos que a produção do conhecimento deveria seguir.

Dando lógica aos argumentos apresentados é que utilizamos um registro que marcou a história da produção do conhecimento na Educação Física no Brasil: o “nascimento”, em 1978, do Colégio Brasileiro de Ciências do Esporte (CBCE). A “criação” dessa instituição ocorreu principalmente por dois fatos. O primeiro diz respeito à necessidade imposta a área de “teorizar”. A partir deste fato concreto e refletindo as preocupações políticas e econômicas do período no país, passa a ganhar espaço um “teorizar” cientificista não só no, mas também da área da Educação Física. O segundo diz respeito a necessidade sentida por profissionais, com formação específica nos cursos de graduação em Educação Física, de afirmar um discurso científico próprio, sem vícios de outros olhares – médicos, pedagógicos, higienistas, etc.

Até então, antes do “nascimento” do CBCE, ocorreram iniciativas que buscaram atender a estas preocupações e que, assim, formaram os primeiros centros de pesquisa. Em vista dos “vícios” criados historicamente sobre o teorizar acerca do corpo, esses locais apoiaram-se sobre os preceitos das ciências naturais para legitimar suas constatações e resultados. Exemplo maior dessa afirmativa foi a criação de um Centro de Estudos de Aptidão Física (CELAFISCS) na cidade de São Caetano do Sul.

[...] houve um esforço de agrupamento de uma ainda incipiente comunidade científica. Liderado pelo médico Victor Keihan Rodrigues Matsudo, um grupo de profissionais interessados principalmente na fisiologia do esforço e na antropometria fundou em 1974 o Celafiscs, Centro de Estudos do Laboratório de Aptidão Física de São Caetano do Sul [...] O Celafiscs sempre primou pela intensa produção científica de seu grupo, pela formação de pesquisadores [...] Em que pese sua preferência pela pesquisa quantitativa de cunho fisiológico ou antropométrico, nunca excluiu interessados em realizar pesquisas com outros referenciais teóricos [...] (DAÓLIO, 1998, p. 45).

Daólio (1998), esclarece ainda que a maior parte do grupo que integrava o CELAFISCS atuava na Federação Brasileira de Medicina Desportiva (FBMD), fato esse que conferia aos profissionais e pesquisadores da Educação Física um status minoritário neste espaço, inclusive, sem direito a voto. Sendo assim, saíram da FBMD e acabaram por criar o CBCE.

Dizendo isto, o Diabo sacudiu a cabeça e estendeu os braços, com um gesto magnífico e varonil. Em seguida, lembrou-se de ir ter com Deus para comunicar-lhe a idéia, e **desafiá-lo** [...] E rápido, batendo as asas, com tal estrondo que abalou todas as províncias do abismo, **arrancou da sombra para o infinito azul**. (MACHADO DE ASSIS, 1882, grifos nossos).

Sendo assim, os discursos das ciências naturais que atestavam até então a “fé” e a “verdade” de seus seguidores na construção de um campo do conhecimento da Educação Física que se pretendia científico, foram abalados. Passaram a dividir o cenário, principalmente no CBCE, com “outros” pesquisadores que, na ânsia por responder questões já não mais compreendidas em seu conjunto ou respondidas à altura de sua complexidade, necessitavam de um “outro” olhar para que houvesse um aprimoramento do “fazer ciência”. Inicia-se assim, desta necessidade “inovadora”, um movimento que se justifica em sua essência pela disputa de poder. Um poder construído através da produção de um determinado saber, o científico. Disputa essa com ditames não existencialmente

justificados pelo simples “fazer ciência” na Educação Física, mas que se justifica e manifesta, como aponta Foucault (1986), em um movimento que visa lutar contra o poder exatamente onde ele é, ao mesmo tempo, o objeto e o instrumento: na ordem do saber, da “verdade”, do discurso.

Certo é que este discurso foi sentido em tom de incomodo e “desafio”. Prova disso é o relato de um dos antigos membros do CBCE, precursor de seus ideais e intenções enquanto comunidade científica. Referimo-nos a Cláudio Gil Soares de Araújo² que, em 1998, recebeu um convite para expressar sua compreensão própria e particular acerca do desenvolvimento da entidade nos últimos 20 anos. Assim o fez. Relatou suas impressões e com liberdade expôs suas considerações. Tendo o CBCE “nascido” em 1978, o autor respirou diretamente seus ares até meados de 1983 voltando a ter outros contatos diretos com a entidade.

Somente voltei a me encontrar com o CBCE quando recebi, no Canadá, em 1993 [...] uma carta convite para participar de uma mesa-redonda no Congresso de Belém, sobre os 15 anos da entidade [...] Ao iniciar a minha apresentação, pedi para que levantassem as mãos aqueles que eram médicos. **Dentre cerca de 500 ou 600 pessoas na platéia, havia somente um único médico!** (ARAÚJO, 1998, p. 53 - grifos nossos).

Como narrou o médico, a instituição que “nascera” em 1978 nos mostra que foi capaz de conquistar sua própria legião de “fiéis”. Diante destas questões, o sentimento vivido pelo médico foi o de lamúria.

[...] o CBCE tinha perdido aquilo que, para mim, era o seu ponto forte e diferenciador, o caráter multiprofissional. O CBCE tinha se tornado uma entidade de defesa do professor de Educação Física e de seus problemas de regulamentação, etc, o que acertadamente é importante [...], mas que, ao meu ver, se afastava completamente da proposta inicial do CBCE, como uma instituição ligada, prioritariamente, ao desenvolvimento e à discussão da pesquisa. (ARAÚJO, 1998, p. 53).

Outra constatação que merece ser assinalada é a de que, após ter ido ter com Deus seu comunicado, o Diabo do conto machadiano, foi a terra ter com os homens a pressa de espalhar sua doutrina nova e extraordinária. Tempos depois, após “descer” e “subir”, tendo observado tudo e retificado o que lhe parecera necessário, ponderava-se o seguinte: “A previsão do Diabo verificou-se. Todas as virtudes [...], vinham alistar-se na igreja nova [...], o tempo abençoou a instituição. **A igreja fundara-se**”. (MACHADO DE ASSIS, s.d. - grifos nossos).

Retomando agora a fala do médico, não poderia então o professor de Educação Física, ele próprio, realizar pesquisa científica? Ao que parece e, ensaiando uma resposta premeditada a uma primeira leitura do que se segue no texto do autor, a resposta mais acertada seria não. Mas suas intenções não foram de menosprezar o profissional de Educação Física, mas sim de chamar a atenção para algo que para ele parece ser irrefutável. Falamos da necessidade de se “fazer ciência” a partir dos preceitos das ciências naturais. Assim, desta necessidade vivida por ele e que, naquele momento, estava representada apenas por um colega de sua “comunidade científica”, seu sentimento de descontentamento e suas antigas prenucias de problemas futuros pareciam se concretizar.

² Professor do Programa de Pós-Graduação em Educação Física da UGF, Chefe do Serviço de Medicina do Exercício e do Esporte do Hospital Universitário da UFRJ e Professor do Departamento de Fisiologia da UFF.

Outro ponto a destacar é que, independentemente do emprego da palavra “multiprofissional” em seu texto, não parece também que sua menção está se referindo à busca por uma construção de um debate com outras correntes. O que realmente parece é que o mesmo lamenta a falta da presença dos seus colegas médicos na construção da entidade científica, o que vem a reforçar a idéia de que a ciência é na sua essência menos lugar de produção de “verdade”, e mais um *locus* de disputa, de conflito e de poder.

O debate acerca desta construção é complexo e contraditório. Por isso, o exemplo do autor e seu sentimento de lamúria, possivelmente, não devem ser únicos. De modo particular, em seu manifesto de descontentamento acerca dos rumos do CBCE naqueles 20 anos, estão marcados também sentimentos de expectativa, felicidade e satisfação, principalmente quando relata o momento de “ideologização” de uma instituição que buscava atender as necessidades de uma comunidade científica preocupada em pesquisar a área do esporte e, também quando da concretização de seus poucos, porém, importantes passos, nos primeiros anos da instituição.

Ao retomar a discussão sobre os discursos produzidos nesta fase de “nascimento” e desenvolvimento da entidade científica que se legitimara, outros pontos tornam-se importantes de ser ressaltados. Imbricada neste campo de embates e disputas, a instituição, através de seus membros e de sua produção do conhecimento, travou – e trava até hoje – uma discussão na esfera do como “fazer ciência” na Educação Física.

Este movimento, visualizado por alguns como um momento de “crise”, poderia ser encarado como um tempo de superação, de transposição do “paradigma” das ciências naturais em prol das ciências humanas³. Entretanto, mesmo com estes novos “modos de olhar”, pautados nas ciências humanas, não possibilitam de maneira alguma se chegar a uma “verdade absoluta” ou mesmo a uma “verdade relativa”, mas sim a muitas “verdades diferentes” e em diversos domínios distintos. E é à luz deste apontamento que acreditamos que aqueles que professam esta doutrina no campo da produção do conhecimento na Educação Física, não percebem esta condição, qual seja, a de que o estatuto das ciências humanas, tanto quanto o das ciências naturais, operam numa mesma lógica da produção discursiva da “verdade”. Perceber essa condição seria como que provocar um enorme incômodo, uma crise de “fé”, principalmente naqueles mais “pagãos” e “ortodoxos”. Afinal, o mesmo aconteceu com o Diabo do conto machadiano visto que este movimento de binômio e de negação do outro parece mesmo é alimentar um sentimento de confusão permanente, de anos...

[...] longos anos depois, notou o Diabo que muitos dos fiéis, às **escondidas, praticavam as antigas virtudes. Não a praticavam todas, nem integralmente, mas algumas, por partes** [...] A descoberta **assombrou** o Diabo [...] o manuscrito beneditino cita muitas outras descobertas extraordinárias, entre elas esta, que **desorientou completamente** o Diabo. (Machado de Assis, s.d., grifos nossos).

A respeito da busca por afirmações absolutamente verdadeiras, seja respectivamente no conto machadiano ou neste campo de disputas apresentado, o que se pode dizer, remetendo-se as palavras de Foucault (1986, p.12) é que:

³ Essa transposição das ciências naturais para as ciências humanas no campo da Educação Física nos parece que desconsidera que as próprias ciências humanas estão imersas numa lógica de condições de possibilidade. Sendo assim ambas matrizes teóricas são “filhos(as)” do mesmo discurso da ciência “moderna”. Contudo, acreditamos que a cientificidade ou não do discurso das ciências humanas e suas relações com a Educação Física merecem ser questionadas e problematizadas mais detalhadamente num estudo futuro.

A verdade não existe fora do poder ou sem poder [...] A verdade é deste mundo; ela é produzida nele graças a múltiplas coerções e nele produz efeitos regulamentados de poder. Cada sociedade tem seu regime de verdade, sua ‘política geral’ de verdade: isto é, os tipos de discurso que ela escolhe e faz funcionar como verdadeiros; os mecanismos e as instâncias que permitem distinguir os enunciados verdadeiros dos falsos, a maneira como se sanciona uns e outros; as técnicas e os procedimentos que são valorizados para a obtenção da verdade; o estatuto daqueles que têm o encargo de dizer o que funciona como verdadeiro.

A “verdade” assumindo este caráter normativo numa comunidade científica, por ter sido por ela mesma “inventada”, dificilmente é questionada pelos seus próprios criadores. As “verdades” funcionam de acordo com a necessidade da sociedade, de acordo com aquilo que ela elege como discurso de “verdade” necessário à sua existência, ao seu fortalecimento, ou seja, imbricados até o pescoço nas dinâmicas das relações de poder. E, se tratando de um discurso imerso na realidade de uma comunidade científica, este não pode ser tratado de forma diferente.

Salientamos, ao fim, que ao se estabelecer metaforicamente comparações entre o Diabo, ciências naturais, CBCE, CELAFISC, “paradigma biológico”, ciências humanas e Deus, não necessariamente nesta ordem, o que se buscou foi uma maneira de dialogar com o conto de Machado de Assis, ilustrando que um campo de disputas estará sempre sujeito a embates, discussões e até mesmo lutas, seja num plano real-material, político, ideológico, científico ou espiritual. É nesta mesma lógica que Machado de Assis encerra seu conto quando o Diabo, em vista de suas constatações mais do que óbvias, porém inesperadas, vai ter com Deus uma segunda conversa, um desabafo e acaba ouvindo a seguinte colocação:

- Que queres tu, meu pobre Diabo? As capas de algodão têm agora franjas de seda, como as de veludo tiveram franjas de algodão. Que queres tu? **É a eterna contradição humana.** (MACHADO DE ASSIS, s.d. - grifos nossos).

Ao pensarmos a realidade da Educação Física e remetendo às palavras finais do conto machadiano a uma reflexão, o que se percebe é que a busca por uma “verdade” que de conta de justificar sua função social é “limitada e limitante”, pois a procura de uma autonomia ou de um saber que seja específico da Educação Física mostra tons de fragilidade desde suas primeiras tentativas e se enfraquece cada vez mais na medida em que crescem os esforços para justificá-la.

Outro ponto que leva a reflexões é o movimento de pensarmos em “bem” e “mal”, assunto este que pode ser representado por um embate entre Deus e o Diabo, como sabiamente metaforizado no conto de Machado de Assis. Neste movimento, o segundo passo seria o de, pretensiosamente, conflitarmos os dois valores. Representados por dois personagens carregados de simbologia e significados. Talvez esforçando-nos por afastar tal confronto dos adventos religiosos para uma interpretação não singular, a leitura que poderia ser feita frente a este movimento de contradições é o de que a eleição por um destes princípios, o do bem ou o do mal, implica na oposição aos princípios do outro, mas não em um movimento contrário, de negação. Afinal, o sucesso de um depende da existência do outro.

Esta eterna contradição humana na qual Machado de Assis, a partir de sua fala, inclui a todos por sermos seres humanos⁴, se reflete não apenas na Educação Física

⁴ Em a Igreja do Diabo, nem Deus, nem o Diabo. É fato que o Diabo era um velho retórico sutil, e cria um templo de exaltação do pecado (**pecado passa a ser o não pecado**), com êxito absoluto. Mas ao invés da

enquanto área de conhecimento, mas também em seus espaços de atuação. Nesse sentido, acreditamos que a produção acadêmica da área deve “continuamente” (des)construir as “verdades”, os saberes e os poderes nela existentes. Para que desta forma se possa implodir essa lógica binária que divide a área da Educação Física em ciências naturais e humanas, pois é necessário demonstrar e problematizar que a “verdade” de cada um acaba possuindo elementos do outro, evidenciando que cada pólo não é uno, e sim plural e que são internamente divididos e fragmentados. Acreditamos que somente agindo nesta lógica é que a Educação Física poderá constituir uma estratégia subversiva e fértil para o pensamento e o seu teorizar.

REFERÊNCIAS

ARAÚJO, C. G. S. Colégio Brasileiro de Ciências do Esporte: um comentário sobre suas etapas iniciais. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**. Ijuí, número especial 20 anos CBCE, p. 50-53, setembro 1998.

ASSIS, Machado de. A Igreja do Diabo. In: PROENÇA, M. Cavalcanti (org.). **Contos Consagrados**. Ed. Tecnoprint. S.d.

BRACHT, V. **Educação física e ciência: cenas de um casamento (in)feliz**. Ed. Unijuí: Ijuí, 2003.

DAÓLIO, J. **Educação física brasileira: autores e atores da década de 1980**. Ed. Papirus. Campinas, São Paulo, 1998.

_____. Educação física brasileira: autores e atores da década de 80. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**. Ijuí, v. 18, n. 3, p. 182-191, maio 1997.

FOUCAULT, M. **Microfísica do Poder**. Edições Graal: Rio de Janeiro, 1986.

_____. **A Ordem do Discurso**. Edições Loyola: São Paulo, 2004.

NÓBREGA, T. P. Agenciamento do corpo na sociedade contemporânea: uma abordagem estética do conhecimento da Educação Física. **Revista Motrivivência**, Florianópolis, p. 53-68, 2003.

TABORDA DE OLIVEIRA, M. A. Sobre a experiência e a história: a busca pela consolidação acadêmica da educação física brasileira In: NETO, A. F. (org.). **Leituras da natureza científica do colégio brasileiro de ciências do esporte**. Campinas: Autores Associados, 2006, v.1, p. 1-34.

Endereço para correspondência:

Arthur de Vargas Feron

Rua Almeida Junior, 49

Bairro Guabirota

CEP 81510-080

Curitiba /PR

E-mail: arthurferon@gmail.com ou moraes_marc@yahoo.com.br

consagração da verdade, de justiça e do amor, quando os “fiéis”, veladamente, seguem Deus, o que se nota é que o próprio Deus não atribui à fé, à Igreja, a ele Deus, o fato. E sim, tão-somente à “eterna contradição humana”. (PROENÇA, M. CAVALCANTI, s.d.).